



Migração? Para a Favela Não!

A Migração de pretos e pardos no Período do Pós-Abolição. Rio de Janeiro, 1888-1940.

CARLOS EDUARDO C. DA COSTA

Professor Assistente da UFRRJ

Doutorando PPGHIS/UFRJ

carlos.hist@gmail.com

No final do século XIX e início do XX o Vale do Paraíba assistiu a entrada de uma diversificação da produção, que na maior parte dos casos, exigia uma quantidade inferior de mão de obra. Uma das primeiras conseqüências a esse fator seria a migração para localidades onde as oportunidades de emprego estivessem em maior expansão. Isso pôde ser observado em entrevistas realizadas com descendentes de escravos, entre os anos de 1995 a 2009. A tabela 1 foi construída a partir de 16 entrevistas, arquivadas no projeto *Memórias do cativo*.¹ Separamos, no universo de 466 pessoas citadas, as que optaram por se deslocar do Vale do Paraíba em direção a diversas regiões do Estado e do Brasil.

Tabela 1 - Número de pessoas por sexo e década de nascimento.

Década de nascimento	Homens	Mulheres	Total
1850-59	6	3	9
1860-69	8	9	17
1870-79	15	9	24
1880-89	10	10	20
1890-99	27	22	49
1900-09	14	32	46
1910-19	39	35	74
1920-29	38	44	82
1930-39	35	23	58
1940-49	31	21	52
1950-59	23	12	35
Total	246	220	466

Fonte: Entrevistas arquivadas no LABHOI-UFF.

Já na Tabela 2 separamos somente aqueles cujo destino foi a Baixada Fluminense. Além disso, foram computados apenas os parentes mencionados que alcançaram a juventude, descartando-se aqueles que morreram na infância ou adolescência; e considerou-se migração apenas os deslocamentos duradouros para fora do município onde o antepassado escravo

¹ As entrevistas podem ser lidas na íntegra no seguinte sítio: www.historia.uff.br/labhoi.



viveu.² Os depoimentos foram coletados em diversos municípios do vale do Paraíba e proximidades (Valença, Paraíba do Sul, Bananal, Juiz de Fora e Bías Fortes).

Tabela 2 - Número de migrantes para a Baixada por sexo e década de nascimento.

Década de nascimento	Homens	Mulheres	Total
1850-59	3	0	3
1860-69	3	0	3
1870-79	1	1	2
1880-89	4	1	5
1890-99	3	2	5
1900-09	5	2	7
1910-19	15	12	27
1920-29	6	16	22
1930-39	1	1	2
1940-49	2	1	3
1950-59	3	1	4
Total	46	37	83

Fonte: Entrevistas arquivadas no LABHOI-UFF, no projeto *Memórias do cativo*.

Aparentemente é a migração para a Baixada que infla, neste período, tanto o número total quanto a proporção de migrados por década de nascimento. Dos 22 homens nascidos entre 1910 e 1919, 15 foram para essa região, bem como 12 das 17 mulheres. Na década de nascimento seguinte, 1920-1929, seis dos dez homens migrados e 16 das 19 mulheres tiveram a Baixada como destino. Como a experiência de migração ocorreu quando essas pessoas estavam ou em fins da adolescência ou, o mais comum, em torno dos 20 anos, elas chegaram aos municípios da Baixada a partir dos anos 1930.

Por meio do cruzamento com os censos, é possível supor a existência desse movimento. Apesar dos problemas inerentes dessa fonte como ausência da categoria “cor”, grosso modo, nos censos do período de 1872 a 1920, a população da Baixada Fluminense variou muito pouco, assim como nos municípios do Vale do Paraíba.(gráfico I)³ Analisando cuidadosamente a Baixada Fluminense, no primeiro recenseamento, a população chegou ao total de 31.251, o que não mudou drasticamente para o segundo, que contabilizava 33.396 pessoas. No relatório de Estatística Econômica e financeira do Estado do RJ de 1931, o

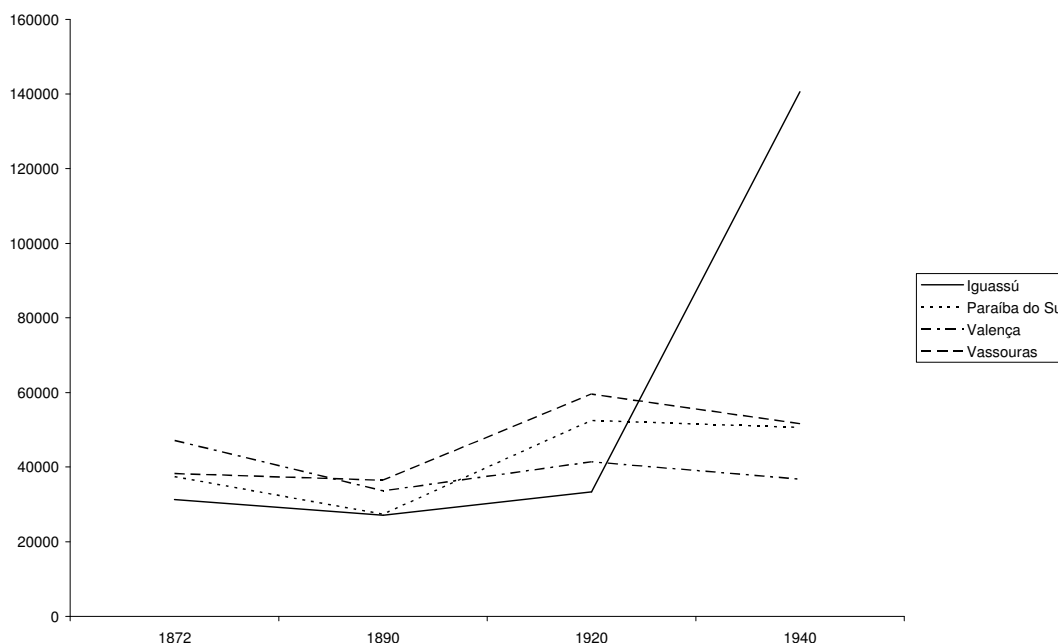
² A metodologia aqui empregada, de cruzamento entre fontes orais e registros civis, pode ser encontrada em: COSTA, Carlos Eduardo C.; e RIOS, Ana Lugão. “Famílias negras, migração e dispersão no pós-abolição: duas fontes para um problema”, in *XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association*. Rio de Janeiro: 2009.

³ Em 1872 optou-se por somar o município de Estrela com o de Iguassú, que anos mais tarde, se tornaria o município de Nova Iguaçu.



calculado geométrico da população de Nova Iguaçu em 1929, chegava a 42.408. Contudo, partir da década de 1920, houve um salto no aumento da população no município de Nova Iguaçu, a partir dos dados do IBGE. De 33.396 pessoas recenseadas, em 1920, esse número salta para 140.606 no censo de 1940, ou seja, um crescimento de mais de 400%.⁴

Gráfico 1 – População por ano segundo os censos. Paraíba do Sul, Valença, Vassouras e Iguassú.



Fonte: Censos IBGE de 1872, 1890, 1920 e 1940.

Fato é que os dados estatísticos não conseguiram visualizar a tipografia da migração em massa ocorrida no e para o Estado do Rio de Janeiro, entre as décadas de 20 e 40. Ou seja, qual o perfil das pessoas que migraram para a Baixada Fluminense? Com a finalidade de tentar resolver esse problema pensou-se em utilizar a fonte eclesiástica, muito respeitada entre demógrafos por apresentar baixos sub-registros. (NADALIN,2005). Contudo, pelo menos para os batismos, matrimônios e óbitos do município de Nova Iguaçu, a categoria “cor”, tão importante em uma pesquisa como essa, não é mais apresentada. Em busca de outras fontes seriadas, analisaram-se os registros civis da cidade. Antes de analisar por completo os

⁴ Para o município de Nova Iguaçu não há, nesse período, qualquer estatística referente às taxas de natalidade, de mortalidade e de crescimento vegetativo.



registros civis, uma dúvida permanece, o que tornou a Baixada Fluminense⁵ um lugar tão atrativo para uma migração em massa?

Se o milho cria, a laranja emprega

A roça, o milho e a criação eram parte indissociável da experiência de ex-escravos e de seus descendentes, no período do pós-abolição, no Vale do Paraíba. De acordo com Rios, *“conseguir um espaço para a roça e mantê-lo, com suas possibilidades de trabalho em família, produção, relativa independência e toda a dimensão de realização pessoal que ela possibilitava foi uma ambição constante”* (RIOS, 2005: 243), ou seja, eram elementos que estruturavam a estratégia de permanência nas antigas fazendas de café. Como já adiantamos, após a década de 20, essas possibilidades abertas de negociação vão se estreitando ao passo em que o gado e as novas formas de produção, se estendem pelas áreas de roça exigindo uma menor quantidade de trabalhadores.

No contexto da província do Rio de Janeiro, após a metade do século XIX, o município de Iguassú tornou-se um dos mais importantes entrepostos comerciais entre o Vale do Paraíba e o porto do Rio de Janeiro. Região rica em quantidade de rios navegáveis e, ao longo dos principais rios, como Inhomirim e Estrela, nela havia portos por onde a produção do café era levada em pequenos barcos até a Baía de Guanabara, para ser exportada.

Paralelamente à construção das estradas de ferro por toda a Baixada, dois outros problemas contribuíram para crise econômica do final do século XIX. Aquela era uma região caracterizada por grandes extensões de terras alagadiças e de brejos, isso contribuía na proliferação rápida de doenças, o que foi o caso da antiga sede de Iguassú, Vila de Cava. De acordo com o relatório do interventor federal, a partir das obras de saneamento, higiene e calçamento *“o índice de febre palustre decresce vertiginosamente, podendo afirmar-se que o mesmo baixou, em casos agudos, de 30%, e na mortalidade, de 60%, em relação aos anos anteriores”*.⁶ A diminuição de áreas alagadiças permitiu que se diminuísse os casos de doenças infecto-contagiosas, assim como as transformou em áreas habitáveis e parte dos

⁵ Na presente pesquisa, considera-se como Baixada Fluminense toda a região pertencente ao antigo município de Iguassú e de Estrela. Na primeira metade do século XIX, essas regiões eram compostas pelas freguesias de Nossa Senhora da Piedade do Inhomirim, São João Batista do Meriti, Santo Antônio da Jacutinga, Nossa Senhora da Conceição de Marapicú, Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora da Piedade do Iguassú e Nossa Senhora da Guia de Pacopahyba. Todas essas freguesias, após a década de 1940, tornaram-se os municípios de: Nova Iguaçu, Queimados, Japeri, Nilópolis, Mesquita, São João de Meriti, Belford Roxo, Mesquita e Paracambi.

⁶ Relatório do interventor federal do Estado do RJ, 1934, pg 248.



moradores se mudou para a região, a qual começava a despontar economicamente nesse período, Maxambomba.

O investimento em saneamento básico na região metropolitana do Rio de Janeiro foi um dos aspectos essenciais para o seu desenvolvimento. Embora a busca por soluções para tal questão ter começado em 1894, o governo de Peçanha foi o que mais colaborou para o desenvolvimento da região.⁷ Seus esforços se concentraram nos locais tipicamente pantanosos da Baixada, principalmente à beira dos rios Iguassú, Sarapuú, Inhomirim e Pilar. (VIANA, 1962:205). Ainda que tivesse governado o país por apenas um ano e meio, incentivou, de forma contundente, o crescimento econômico da região.

De acordo com Pereira, a laranja era uma fruta plantada há muito tempo, no Rio de Janeiro. Muitas fazendas que haviam entrado em crise econômica, por causa das produções em larga escala do café e da cana-de-açúcar, estavam abandonadas e/ou foram loteadas, sendo esse o cenário típico para o tipo de produção que a laranja exigia. Produzida em pequenas propriedades ou “chácaras”, na segunda metade do século XIX, era vendida apenas para o mercado interno. Nesse período, regiões como São Gonçalo, Campo Grande, Bangu, Santa Cruz e Nova Iguaçu, ganharam destaque ao começar uma produção direcionada aos mercados vizinhos e, posteriormente, passaram a comercializar em São Paulo. (PEREIRA, 1977:114)

No início da produção de laranja, muito se utilizou, como mão-de-obra principal, o trabalhador temporário. Os catadores e apanhadores de laranja ocupavam uma posição de menor prestígio dentro da hierarquia de produção. A eles, não era permitida a construção de casas e/ou pequenas plantações na propriedade. Eram convocados duas vezes por ano, para a capina e para a colheita, ou seja, um trabalho tipicamente sazonal. (PEREIRA, 1977:66)

Porém, com o passar dos anos, o beneficiamento da laranja trouxe uma diversificação dos arranjos de trabalho, ampliando sua oferta. Sob o controle do presidente da República, Washington Luís, mais precisamente do Ministério de Agricultura, foram instaladas em Nova Iguaçu máquinas para o beneficiamento da laranja. Em 1931, havia no município 13 *packing houses*, divididas em: cinco na sede, cinco em Morro Agudo, três em Austin e Cabuçu. (PEREIRA, 1977:140).⁸ De 1931 a 1935, o número de *packing houses* em Nova Iguaçu

⁷ O decreto n.º 128 de 10 de outubro de 1894 previa estudos para resolver o problema do saneamento.

⁸ Nas casas de embalagem, eram selecionadas as frutas pelo tamanho e padronizadas para serem comercializados. Durante esse processo, era feita a “lavagem, brunimento, embrulho em papel de seda e



passou de 13 para 24 (PEREIRA, 1977: 141). Nesses barracões empregavam-se cerca de 100 pessoas, entre homens e mulheres. Para além desses, os serviços secundários da produção de laranja empregavam ainda mais trabalhadores. Conseqüentemente, entre as décadas de 20 e 40 pôde-se acompanhar um crescimento populacional expressivo para o município de Nova Iguaçu.

Os Registros Civis

No mesmo ano de abertura do Ofício do Registro Civil das Pessoas Naturais da 1ª Circunscrição de Nova Iguaçu, 1889, mais dois cartórios de registro civil passaram a funcionar em São João de Meriti e em Vila de Cava, ambos nesse período distritos de Iguassú.⁹ Buscou-se analisar o período que vai de 1888 a 1940, ou seja, os anos que vão da abolição ao censo de 1940. Em virtude da imensa quantidade de registros selecionaram-se os anos de cinco de cinco, são eles: 1889, 1894, 1899, 1904, 1909, 1914, 1919, 1924, 1929, 1934 e 1939. Estes registros pouco mudaram ao longo do tempo, o que possibilitou o uso de quase todas as categorias em todos os anos.

Apesar da quantidade de sub-registros na documentação civil, situação vivida até os dias de hoje no país, é possível observar a busca mais intensa pelo registro civil de nascimento do que o de óbito, apesar do conhecimento público e notório da mortalidade por doenças infecto-contagiosas como malária e tuberculose. A quantidade de pessoas registradas entre os anos de 1919 e 1939 acompanha o aumento populacional identificado nos censo do IBGE, o que demonstra a nossa fonte ser confiável, ao fornecer indícios demográficos interessantes e importantes, entre a década de 1890 e 1940, quando há poucas informações nos censos.

Esses dados tornaram-se significativos, pois em 99,4% dos registros há menção a categoria “cor”. Optei por manter as categorias de cor que estavam presentes nos documentos – preto, pardo e branco - pois é complicado tentar identificar o que é ser “preto” em 1889 e, muito mais, em 1939. Sabe-se também ser impossível quantificar os descendentes de escravos, no pós-abolição, uma vez que nos últimos anos da escravidão, entre 1880 e 1888, a

encaixotamento”.(SOUZA, ver ano:58). Nessas caixas, podia-se alocar até 250 frutos e nelas eram impressas a marca do produtor e o local de origem.

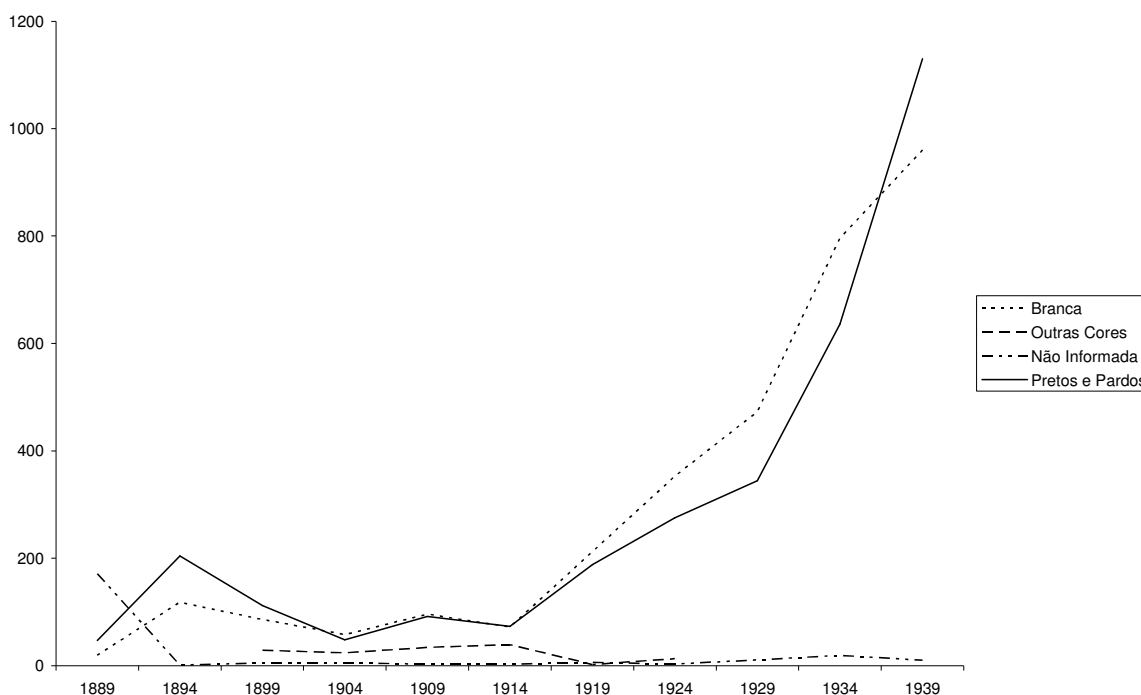
⁹ Nesta pesquisa, optou-se por utilizar o cartório de Nova Iguaçu, uma vez que essa região concentrou a maior parte da população entre os anos de 1920 e 1940. Além disso, este cartório abrangia as regiões que hoje são os municípios desmembrados de Nova Iguaçu, como: Queimados, Belford Roxo, Mesquita, Japeri, Duque de Caxias, Nilópolis e Paracambi.



maior parte dos escravos foi liberta ou fugiu.(MATTOS, 1996:98-103). Contudo, utiliza-se aqui a idéia de “marca da escravidão”, pois por mais que seu bisavô tenha sido livre, quem se identifica ou é identificado como preto ou pardo carrega esse fardo.(MATTOS, 2004).

Em virtude de uma naturalização das perdas, promovida por uma historiografia pouca atenta ao período do pós-abolição, nada parece ter surpreendido mais, nesta pesquisa, do que a presença expressiva da população de pretos e pardos buscando os registros civis de nascimento e de óbitos, entre os anos de 1889 e 1940. Nos gráficos abaixo é possível observar esse detalhe:

Gráfico 2 – Registros civis de nascimento por cor e ano. Nova Iguaçu, RJ.



Fonte: Registro Civil de óbito do 1º Ofício de Pessoas Naturais de Nova Iguaçu.

Gráfico 3- Registros civis de óbitos por cor e ano. Nova Iguaçu, RJ



Fonte: Registro Civil de óbito do 1º Ofício de Pessoas Naturais de Nova Iguaçu.

No que se refere aos primeiros anos após a escravidão, tanto pretos e pardos buscaram legitimar a família, inicialmente através do registro de seus filhos, e posteriormente com seus entes queridos. Por isso não foi tão difícil encontrar registros de óbitos de africanos com mais de 80 anos, são ao total 10 falecidos entre os anos de 1889 e 1894. Registrada como originária desse continente, Dona Theresa Maria da Conceição veio a falecer, 1894, em São Bento, no atual Município de Duque de Caxias, com 104 anos, sepultada no Cemitério Municipal do Mosteiro de São Bento. Todavia em sua documentação não há sinalização do local de seu nascimento. No mesmo ano, outro caso interessante aconteceu na Fazenda do Barão de Mesquita, hoje bairro de Cachoeira. Anacleto, Africano e registrado como preto, tendo como local de nascimento a Costa d'África, com 100 anos presumíveis, faleceu de velhice. Era lavrador e provavelmente deve ter sido escravo dessa fazenda.¹⁰

Em ambos os gráficos há uma diminuição considerável dos registros entre os anos de 1904 e 1914. No caso dos nascimentos é compreensível uma vez que a não declaração do registro no prazo de até 60 dias, para os que residiam distante 60 léguas do cartório, pagavam

¹⁰ Livro 2, reg. 450 de 1894. RCONI, Livro 2, reg. 392 de 1894 registros de óbitos de Nova Iguaçu.



multas altíssimas.¹¹ Essa realidade só se modificou na década de 10, durante o Governo Wanceslau Braz. O decreto n.º 2887 de 25 de Novembro de 1914 dizia que aquele registrasse no mesmo ano de nascimento estaria absolvido de multa. Decisão essa que, aparentemente para o ano de 1914, surtiu pouco efeito. No banco de dados só foi possível encontrar dois registros que citam o decreto, sendo um deles o de João Martinho Azevedo, em 1914, que foi dispensado da multa Pelo Juiz, ao declarar o nascimento de seu filho Darcy Sampaio de Oliveira, de cor morena e filho de Laura Sampaio de Oliveira.¹²

Em 1915 se fez uma nova tentativa para tentar atrair as pessoas aos registros de nascimentos. No Decreto n.º 3.024 de 17 de Novembro de 1915 – um ano após a primeira iniciativa – fica afirmado no art. Iº que “*fica prorrogado até 25 de Novembro de 1917, o prazo de um anno, estabelecido no decreto 2.887 de 25 de Novembro de 1914.* Como não era necessário a autorização via judiciário, em 1915 a quantidade de registros foi de 214, 27 a mais do que no ano anterior (187). Contudo só foi possível visualizar o acréscimo de pessoas em busca do registro a partir do ano de 1919.

Efetivamente, essas primeiras leis de incentivo aos registros parecem não ter atingido a gama da população, a qual se encontrava fora da legitimidade civil, no Município de Nova Iguaçu. Porém, a partir de 1931, as leis e os decretos seguintes levaram aos registros civis um número surpreendente de pessoas. No dia 18 de fevereiro de 1931, o Decreto 19.710 obrigou os registros de nascimentos, não exigindo pagamento de multas nem, tampouco, a necessidade de qualquer justificativa para o registro tardio. Nos anos de 1934 e 1939, foram coletados 540 registros que mencionavam esse decreto. No entanto, nada parece ter incentivado mais a procura pelo registro civil do que o Decreto 1.116 de 24 de fevereiro de 1939. Somente no ano do funcionamento dessa lei foram feitos 1.187 registros tardios.¹³

Esse parece ter sido o caso de diversas pessoas, como o de Felinito Ribeiro da Silva que compareceu ao cartório em 1939. Nascido as seis horas do dia dezessete de março de 1887, Paraíba do Sul, de cor declarada preta, é filho legítimo de Manoel Ribeiro da Silva e de Bernardina Aniceta de Jesus, ambos já falecidos. Ele conseguiu se registrar através da lei

¹¹ Decreto 9.886 de 1888.

¹² Livro 15, registro 113 de Nascimentos de Nova Iguaçu.

¹³ A análise da importância, destes decretos e leis, para aumentar a acessibilidade da população, no registro civil de nascimento, está na terceira parte deste capítulo.



1.116, com a autorização do Juiz Doutor Diniz do Valle.¹⁴ O mesmo caso foi o Magdalena de Izolina da Conceição, filha de Antonio Manoel Araujo e de Izolina Joana, sendo avós paternos Manoel Lino e Manoela Felícia e maternos, Paulo Lourenço e Joana Emuruncidina. Nascida no dia 9 de novembro de 1907, foi registrada em 1939, tinha a cor preta, no local denominado Santa Isabel do Rio Preto, em Valença, no Vale do Paraíba Fluminense.¹⁵

Entre 1919 e 1939, nos gráficos de nascimento e de óbito a busca pelo registro aumentou consideravelmente. Em primeiro lugar, como já apontamos, isso ocorre em função da chegada massiva de pessoas de diversas localidades do Estado, do Brasil e de imigrantes. Vinham para trabalhar ou para adquirir terras produtivas. Nos registros de nascimento os considerados pretos e pardos só supera o de brancos após o ano de 1934. Isso se deve, em parte, da quantidade de registros tardios, ou seja, de pessoas que na fase adulta optaram por se registrar em Nova Iguaçu. São ao total de 1.867 registros.

Nestes mesmos anos, para os óbitos foi surpreendente ver que a população de pretos e pardos sempre esteve acima da população de brancos. A tabela 3 mostra as regiões de falecimento da população em geral. Da análise da tabela pode-se retirar duas suposições. A primeira, refere-se a qualidade de vida que essa população vivia. Observa-se na tabela que são 313 mortes no atual Município de Belford Roxo, enquanto 402 em Mesquita e 490 no interior do atual Município de Nova Iguaçu. São regiões notoriamente conhecidas por serem alagadiças, e que na época ainda não tinham recebido muito atenção pública no que condiz ao saneamento básico. Mas aparentemente essa não era uma condição restrita apenas aos pretos e pardos, os declarados como brancos também viviam em situação semelhante.

Tabela 3 – A região do falecimento por cor nos registros de óbito de Nova Iguaçu.

Região do Falecimento	Branca	Outra cor	Não Informada	Pardos e Pretos	Total geral
	13		11	24	48
Belford Roxo	118	12	32	313	475
Capital Federal				1	1
Duque de Caxias	27	6	25	76	134
Estado Rio de Janeiro	9	1	5	4	19
Itaguaí			1		1
Mesquita	199	13	26	402	640
Minas Gerais	2			2	4
Não declarada	36	1	7	48	92

¹⁴ Livro 59, reg. 14.637 de 1939. Nascimentos de Nova Iguaçu.

¹⁵ Livro 61, reg. 15.818 de 1939. Nascimentos de Nova Iguaçu. E registro de batismo Livro 1903 a 1929, assento 144, pg. 78v. da Igreja de Santa Isabel do Rio Preto, Valença, RJ.



Não Localizado			1	3	4
Nova Iguaçu (cidade)	622	4	84	552	1262
Nova Iguaçu (interior)	338	2	71	490	901
Queimados				5	5
São João de Meriti				1	1
Vale do Paraíba	1		1	1	3
Total geral	1365	39	264	1922	3590

Fonte: 1º Ofício de Registro Civil de Pessoas Naturais do Município de Nova Iguaçu

A partir da tabela 4 é possível acompanhar o crescimento do Município. Nela foram computadas, por ano, a quantidade de óbitos. A quantidades por óbitos nos maiores, atuais municípios aumenta de acordo com os anos. Em Mesquita há um salto somente entre os anos de 1914 e 1919, enquanto o maior salto de falecimento acontece na cidade sede de Nova Iguaçu, onde os mortos passam de 196, em 1934, para 411 em 1939. Isso demonstra que o inchaço da cidade teve problemas com as doenças, principalmente com as infecto contagiosas, como veremos a seguir.

Contudo, o único município onde houve uma redução no falecimento foi Belford Roxo. Em 1929, o auge da mortalidade, foram contabilizados 112 óbitos, enquanto em 1934 foram 85 e 1939, 57. Podemos supor duas situações para essa diminuição. A primeira se refere a distância que deveria ser percorrida para se declarar o óbito de algum parente. Todavia, esse empecilho não parece ter atrapalhado antes. Acredita-se que as políticas públicas, mencionadas no início do texto, principalmente a de saneamento básico e de aterramento de áreas alagadiças, podem ter começado a dar certo no controle de doenças que rapidamente se proliferam. Não é a toa que Belford Roxo vai se tornando uma opção, vantajosa, para se residir após a década de 30.

Tabela 4– A região do falecimento por ano. Município de Nova Iguaçu.

Ano	1889	1894	1899	1904	1909	1914	1919	1924	1929	1934	1939	Total geral
Belford Roxo	11	9	3	1	1	2	2	2	5	6	6	48
Capital Federal	13	16	20	9	22	25	45	71	112	85	57	475
Duque de Caxias	26	23	12	10	21	13	12	6	9	1	1	134
Estado Rio de	5	3	3		2	1	1	3	1			19



Janeiro													
Itaguaí	1												1
Mesquita	6	19	8	7	33	26	78	79	106	119	159		640
Minas Gerais					2				1	1			4
Não declarada	5	5		4	1	4	8	19	14	23	9		92
Não Localizado		1	1		1	1							4
Nova Iguaçu (cidade)	48	50	38	11	22	44	108	139	195	196	411		1262
Nova Iguaçu (interior)	54	51	31	10	24	17	65	84	118	170	277		901
Queimados											5		5
São João de Meriti								1					1
Vale do Paraíba	2						1						3
Total geral	171	177	116	52	129	133	320	404	561	602	925		3590

Fonte: Vide Tabela 3.11

Ao atentar cuidadosamente para as idades de falecimento nessa região, é possível visualizar uma diferença entre os brancos e os pretos e pardos. Nos gráficos 4 e 5 foram separados os falecimentos de acordo com a faixa etária. Apesar da quantidade de falecimentos de pretos e pardos ser superior em números – 1922 para pretos em pardos e 1365 para brancos – ao atentar às faixas etárias, seguindo as proporções em relação ao número de óbito, não é possível visualizar uma grande diferença entre as cores. As semelhanças estão na quantidade elevada de crianças falecidas entre 0 e 1 um ano em ambos os casos. Contudo, entre pretos e pardos as crianças falecidas entre 1 e 5 anos são superiores as brancas. Ou diferença consiste nos falecimentos de adultos entre 21 e 25 anos, no qual os pretos e pardos superam.

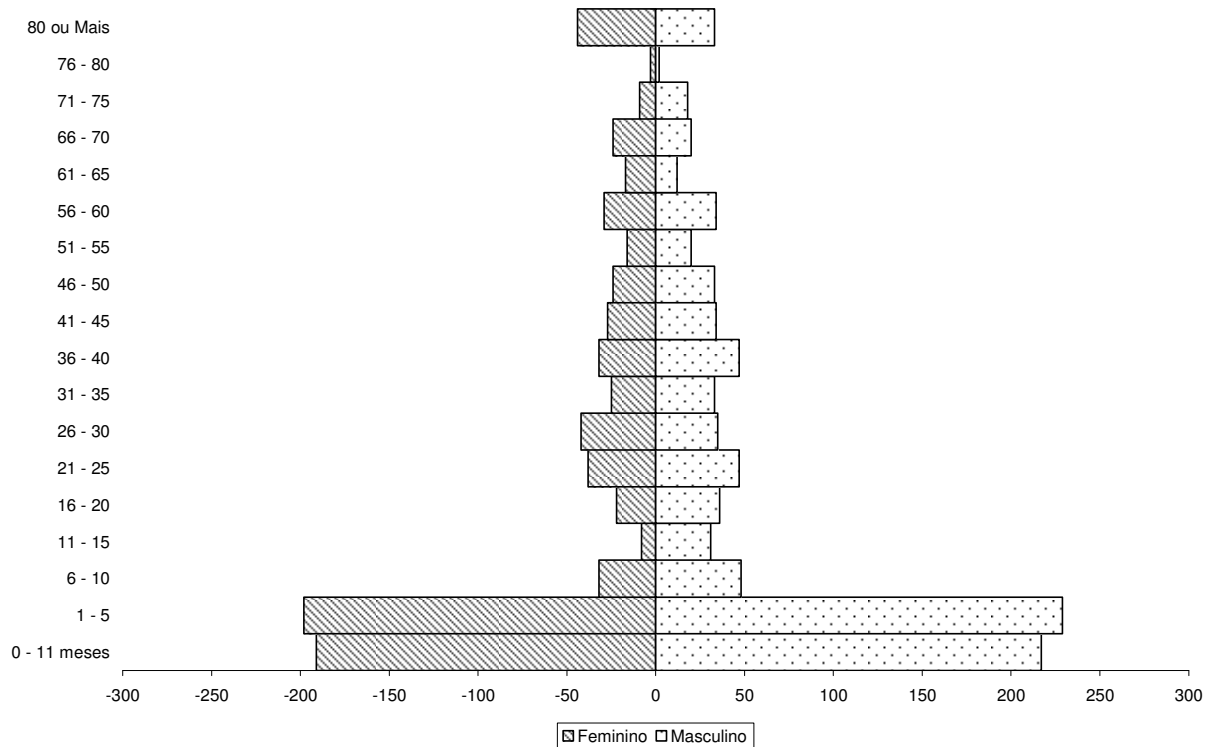
Mas afinal, quais eram as doenças mais difíceis de combater e que levavam a tantos óbitos nesse Município? Segue na tabela 5 um resumo das moléstias que elevavam o número de mortos. As doenças infecto contagiosas estavam muito presentes na Baixada, o que pode ter dificultado a permanência em localidades muito distantes. A malária, a tuberculose e a Pneumonia fizeram literalmente uma devassa nos moradores do antigo Município de Iguaçu. Contudo, dentre essas doenças não há diferença entre as cores da população. A única diferença aparentemente visível consta nos que faleceram sem assistência médica. São 35 casos para pretos e pardos, contra apenas 9 para os brancos. Efetivamente isso pode ter ocorrido por conta do lugar de moradia, que como vimos na tabela anterior, os pretos e pardos se concentravam nas regiões mais distantes da sede do município.

Figura 5 - Faixa Etária e Sexo de falecidos registrados como brancos. Município de Nova Iguaçu.



Fonte: Vide Tabela 3.11

Figura 6 - Faixa Etária e Sexo de falecidos registrados como pretos e pardos. Município de Nova Iguaçu.



Fonte: Vide Tabela 3.11



Tabela 5 - Causas Mortis por cor. Município de Nova Iguaçu.

Causa Mortis	Branca	outras cores	Não Informada	Pardos e Pretos	Total geral
Anemia	6		1	5	12
Arterio esclerose	43			41	84
Pneumonia	137	1	13	204	355
Coqueluche	12		1	16	29
Debilidade congenita	8			20	28
Enterocolite	39	1		40	80
Febre Amarela	14		4	1	19
Febre	35	8	22	71	15
Malária	143	1	31	278	453
Gastro-enterite aguda	131	1	3	117	252
Hydropesia	12			12	24
Nati-morto	118	5	12	198	333
Natural	65	6	19	114	204
Sem Assistencia	9			35	44
Tétano	9	1	8	23	41
Tuberculoze	96		11	124	231
Verminose	5	1	9	16	30
Total geral	877	25	134	1315	2234

Fonte: Vide Tabela 3.11

Ao pegar as principais causas de morte por ano é possível perceber a ocupação do Município e de que forma as doenças “entraram” na pauta da discussão de saúde pública. A que mais chama a atenção é a Malária. Os casos de doença só vão aparecer no ano de 1919, e aumentam gradativamente até 1939. Tanto a Pneumonia, quanto a Bronquite e a Tuberculose possuem casos bastante restritos até 1919. O que nos mostra que no período compreendido entre 1889 a 1914 as doenças não foram uma restrição para a migração em massa para essa região. Ao contrário, aparentemente, é com o início da migração que as doenças infecto contagiosas se alastram pela região.

Tabela 6 – Falecimento por doenças infecto contagiosas por ano. Município de Nova Iguaçu.

	Pneumonia	Bronquite	Gastro-enterite	Malária	Tuberculose	Total Geral
1889	4	4	2			10
1894	1	5	1		2	9
1899	6	1	1		1	9
1904	2	2	1			5
1909	3	2			9	14
1914	2		3		4	9
1919	13	2	21	14	25	75
1924	26	8	27	21	22	104



1929	67	10	41	6	51	175
1934	89	11	81	25	37	243
1939	82	7	74	65	54	282
Total Geral	295	52	252	131	205	935

Fonte: Vide Tabela 3.11

Ao analisar os dados referentes aos locais de nascimento dos falecidos em Nova Iguaçu percebemos a grande presença de registros sem a declaração de origem, assim como a grande presença de imigrantes. Como já havia antecipado são 10 pessoas que foram declaradas como tendo a origem na África, e estão localizadas nos primeiros anos da inauguração do registro. Além disso, pode-se ver a maior parte dos registros declarando o falecido como naturais do Brasil, ou mesmo do Estado do Rio de Janeiro. Como são categorias muito amplas foi difícil encontrar o local específico de seu nascimento. Contudo, quando se sabia efetivamente a sua naturalidade o local específico era delimitado. Como pro exemplo, os três casos de do vale Paraíba (procurar os registros). Infelizmente nos outros registros não foi possível encontrar o local de saída. Acredito que isso esteja ligado a permanência ainda recente na região, que não gerou alianças próximas que poderiam declarar o óbito com informações mais precisas, por isso acredito na quantidade considerável de registros onde não há declaração da origem.

Outros dois grupos estiveram também em grande número presente na região. Os nordestinos, somados 36 ao total escolheram a Baixada Fluminense como local de residência. Provavelmente por falta de espaço na capital da República, ou mesmo porque as oportunidades abertas em Nova Iguaçu tenham sido mais atrativas do que o distrito federal.

Tabela 7 - Região do nascimento dos falecidos em Nova Iguaçu.

Região do Nascimento	Branca	Outras cores	Não Informada	Pardos e Pretos	Total geral
África			3	7	10
Belford Roxo	1			3	4
Brasil	259	22	24	416	721
Capital Federal	73		3	64	140
Duque de Caxias				2	2
Estado Rio de Janeiro	574	5	42	900	1521
Estados do Brasil	4			4	8
Itaguaí	1				1
Mesquita			1	1	2
Minas Gerais	29		2	77	108
Não declarada	179	7	88	296	570
Nilópolis				1	1
Nordeste	26		2	36	64
Nova Iguaçu (cidade)	5		2	10	17



Nova Iguaçu (interior)	67	3	60	97	227
Países	138	2	33	2	175
Queimados			3	1	4
São Paulo	9		1	2	12
Vale do Paraíba			1	2	3
Total geral	1365	39	264	1922	3590

Fonte: Vide Tabela 3.11

Somado a esse grupo temos os estrangeiros. De acordo com os registros de óbito são ao total de 175 pessoas, provindas de diversas regiões como. Temos imigrantes da Ásia como 1 do Líbano, 2 do Japão, 4 da Síria, 1 da China. Mas nada comparado com os europeus, como os 11 da Espanha, 27 da Itália, e 124 de Portugal. Provavelmente, foram atraídos pelo preço atrativo da terra e da produção incipiente de laranjas e dos arranjos de trabalho envolvidos com essa produção e com o crescimento da cidade.

Então de que forma essas pessoas, boa parte migrada, conseguiu se inserir nessa região? Ao detalhar as profissões, por cor, nota-se que boa parte das pessoas não tiveram a sua profissão declarada nos registros de óbito. Como já mencionei anteriormente acredito que seja em virtude das poucas relações estabelecidas na região. Segue a tabela abaixo para melhor visualização.

Tabela 8 - Profissão por cor dos falecidos de Nova Iguaçu.

Profissão	Branca	cores	Não Informada	Pardos e pretos	Total geral
agencia				2	2
Agricultor	3				3
Agrimensor	1				1
Ajudante de Ferreiro	1				1
alfaiate	3				3
Aposentado	1				1
Armador	1			1	2
Artífice do Esgotos				1	1
artista				1	1
Caixeiro			2		2
Capitalista	2				2
carpinteiro	2				2
Carregador	1			1	2
Carroceiro	1				1
carvoeiro	2		1		3
Celeiro				1	1
Chauffeur	2			1	3
Citricultor				1	1
comerciante	11			4	15
Confeiteiro	1				1
Contador	1				1



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Costureira	2				3
Cozinheiro			1	4	5
Delegado de Polícia				1	1
Dentista	1				1
Despachante de Alfandega	1				1
Doceira				2	2
Doméstica	162		45	234	441
Eletricista	1				1
Empregado da Estrada de Ferro Central do Brasil	2			3	5
Empregado da Estrada de Ferro Rio D`ouro	2		1	1	4
empregado do comércio	3			4	7
empregado municipal				1	1
empregado ou funcionário publico	21		3	9	33
Enfermeiro				1	1
Escrevente de cartório	1				1
Estivador				2	2
Estrada de Ferro Central do Brasil				3	3
Estudante	4				4
Feitor da Estrada de Ferro do Melhoramento do Bras	1				1
Feitor da Estrada de Ferro Rio D`Ouro				1	1
Ferreiro	1		1	1	3
Ferroviário	1				1
Fiel da Estrada de Ferro Central do Brasil	1				1
Foguista	1				1
Foguista da Marinha Nacional Brasileira				1	1
Funcionário dos Correios	1				1
Guarda Cancell	1				1
Guarda Cancell da Central do Brasil	1			1	2
Guarda Chave da Estrada de Ferro Central do Brasil				2	2
Guarda-Livros	1				1
Inagarefo	1				1
Industrial	2				2
Intachador			1		1
Jardineiro	2		1	4	7
jornaleiro	6		7	20	33
Jornalista				1	1
lavrador	98	1	45	127	271
Lenhador					1
Light	3				3
Madeio	1				1
Magasefe				1	1
Malinisto da Armada				1	1
Manobreiro				1	1
maquinista	1				1
Marceneiro	1			1	2
Maritimo				1	1
Mecânico				1	1
Militar	2			2	4
Motorneiro	1				1
Não declarada	944	37	144	1399	2524
Negociante	1		4		6
Operador	1				1



operário	31	1	4	36	72
Pedreiro	6		2	3	11
Professor	2				2
Professor de Música	1				1
Promotor Público	1				1
proprietário	3				3
Relojoeiro	1				1
sapateiro	1				1
Serrador	1				1
Servente	1				1
trabalhador	7			26	33
Trabalhador Braçal	4			13	17
Total geral	1365	33	264	1922	3590

Fonte: Vide tabela 3.11

Optei por colocar a tabela inteiro no corpo do texto, ao contrário do anexo, por um motivo simples: demonstrar a diversificação de profissões existentes na Baixada Fluminense. As atividades não estavam restritas somente a Lavoura ou ao operariado, toda uma gama de ofícios poderiam ser visualizados e disputados na região.

Retirando da contabilidade os não declarados, é possível perceber que a população estava empenhada em 3 atividades. A primeira seria a de doméstica ocupada, em todos os casos, por mulheres, sendo 162 brancas e 233 pretas e pardas. Já a segunda profissão era a de lavrador, sendo ocupada de forma equilibrada por ambas as cores, sendo 98 brancos e 127 negros. A terceira profissão e a que mais chamou atenção foi a de operário, sendo 20 brancos e 36 negros. Vale destacar que nesse período o termo “operário” não significa necessariamente empregado de indústria, mas sim assalariado. E o mais interessante foi vê-los como empregados e/ou funcionários públicos.

Nem tudo são flores para os pretos e pardos no mercado de trabalho. De acordo com essa tabela, nos ofícios os quais exigem uma melhor qualificação técnica não há sequer a presença deste grupo. Por exemplo, nas profissões como promotor público, proprietário, relojoeiro, professor e sapateiro. Todavia vale lembrar que a opção de migrar para essa região foi necessariamente ligada à plantação de Laranjas o que exigia uma baixa qualificação técnica por parte do empregado. Não descartamos o racismo, mas pouco se sabe se aos pretos e pardos era vetada a ascensão social a esses cargos, nessa região. Ou seja, a segregação aparentemente não parece ser uma regra nessa região, que recebeu migrados de diversas localidades para atuar principalmente na área agrícola, que exigia baixa qualificação.

Esses dados demonstraram a vontade dos libertos e de seus descendentes em legitimar as suas relações familiares. Após 1888, com a abolição da escravidão, tornou-se difícil



acompanhar as trajetórias das famílias de ex-escravos, uma vez que a documentação eclesiástica, mais usada para o século XIX, não possuía mais a categoria “cor”. Por outro lado, os registros civis de nascimentos, casamento e óbitos introduziam essa categoria em 1889. Neste sentido, de acordo com Rios, “*libertos buscaram [também] regularizar suas vidas familiares através do casamento, das promessas lavradas de casamento e declaração de paternidade, de registro civil de suas crianças*”.(RIOS, 2005:688). Sinal, um tanto claro, da busca pela cidadania por parte da população de pretos e pardos, possuidores da marca da escravidão.

BIBLIOGRAFIA

BLACKBURN, Robin. **A queda do Escravismo Colonial: 1776-1848**. Rio de Janeiro, Ed: Record, 2002.

CAMMACK, Paul. "O coronelismo e o compromisso coronelista: uma crítica". In: **Cadernos DCP**. Belo Horizonte, 5:1-20. 1979.

CARVALHO, J. M. "Coronelismo". In: **Dicionário Histórico-bibliográfico Brasileiro, 1930-1983**. Israel Beloch e Alzíra Alves de Abreu (orgs.). Rio de Janeiro, Forense Universitária: CPDOC/FINEP, vol.2., 1984.

_____ **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

COSTA, C. E. C. **Campesinato Negro no Pós-abolição: Migração, Estabilização e os Registros Civis de Nascimentos. Vale do Paraíba e Baixada Fluminense, RJ. (1888-1940)**. Dissertação de Mestrado, PPGHIS/UFRJ, 2008.

COSTA, Carlos Eduardo C. e RIOS, Ana Lugão “Famílias negras, migração e dispersão no pós-abolição: duas fontes para um problema”. In: *XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association*, Rio de Janeiro, 2009.

CUNHA, Olívia e GOMES, Flávio. **Quase Cidadão**. Rio de Janeiro, FGV, 2007.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DEAN, W. **Rio Claro – Um Sistema Brasileiro de Grande Lavoura (1820-1920)**. Rio de Janeiro, Ed.: Paz e Terra, 1977.

DRESCHER, Seymor & MCGLYNN, Frank (org.). **The meaning of freedom: economics, politics, and culture after slavery**. Ed: University of Pittsburgh, 1992.

ESPADA, H.R. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2006.

FERREIRA, M. e AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

FONER, Eric. “O Significado da Liberdade”. In: **Revista Brasileira de História**. 8, 1988.

FRAGOSO, J. L. **Sistemas agrários em Paraíba do Sul (1850-1920): um estudo de relações não-capitalistas de produção**. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983.

GARCIA JR., Afrânio R. **Terra de Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HOLT, Thomas. **The Problem of Freedom: Race, Labor, and Politics in Jamaica and Britain, 1832-1938**. Baltimore and London: Johns Hopkins University Press, 1992.

KULA, Witold. **Teoria Econômica do Sistema Feudal**. Lisboa: Presença, 1979.

LARA, S. H. **Campos da violência: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro: 1750-1808**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LEAL, Vítor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo, Alfa-Ômega, 1975.

MACHADO, Maria Helena. **O Plano e o Pânico. Os movimentos sociais na década da abolição**. Rio de Janeiro. EDUFRJ, 1994.

MATTOS, Hebe Maria. **Das Cores do Silêncio. Significados da liberdade no Brasil escravista**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995/ Nova Fronteira, 1997.

MATTOSO, K. M. Q. **Ser escravo no Brasil**. (1ª edição de 1982). São Paulo: Brasiliense. 1988.

MENDONÇA, Sonia R. **Ruralismo. Agricultura, poder e estado na Primeira República**. Tese de doutoramento, São Paulo, Departamento de História, USP, 1990.

PANG, Eul Soo. **Coronelismo e oligarquias**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

PEREIRA, Waldick. **Cana, Café e Laranja: História econômica de Nova Iguaçu.** Rio de Janeiro: FGV/SEEC, 1977.

QUEIRÓZ, Maria I. P. de “O Coronelismo numa Interpretação Sociológica.” In: **HGCB**, vol.8, São Paulo, Difel, 1977.

REIS, J. J. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REIS, João José & SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito - A resistência negra no Brasil escravista.** São Paulo, Cia. das Letras, 1989.

REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

RIBEIRO JUNIOR, F. B. **O mundo do trabalho na ordem republicana: a invenção do trabalhador nacional. Minas Gerais, 1888-1928,** Universidade de Brasília, UNB, Brasil, 2008.

RIOS, A. L. **Família e Transição (Famílias negras em Paraíba do Sul, 1872-1920).** Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.

RIOS, A. “Histórias de Família: Arquivos da memória na história demográfica”. In: **Anais do IX Encontro de Estudos Populacionais.** vol. 3, Caxambu, 1994.

RIOS, A. & MATTOS, H. **Memórias do Cativo: Família, Trabalho e Cidadania no Pós-abolição.** RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2005.

ROCHA, Jorge Luís. “De quando dar os Anéis – A estrutura fundiária da Baixada Fluminense e suas transformações”. In: **Hidra de Igoassú**, nº 3, abril/maio/junho de 2000.

SCOTT, R. **Degrees of Freedom: Louisiana and Cuba After Slavery.** Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2005.

_____ **Emancipação Escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre, 1860-1889.** Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

_____ (org.) **Além da Escravidão: Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação.** RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

STEIN, S. **Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.